

A LAPINHA DOS REIS: MEMÓRIA, DIVERSIDADE E RESISTÊNCIA

Mirella Rodrigues da Cruz¹
Catiane Rocha Passos de Souza²
Pablo Henrique da Silva Pinto³

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais do projeto “Mapeamento inteligente das atividades culturais do entorno do IFBA - Campus de Salvador”. O projeto foi selecionado pelos editais nº 05/2020/DPGI/DIREC/Campus de Salvador/IFBA (Incentivo a projetos de pesquisa, de inovação e/ou de extensão) e nº 18/2020/PRPGI – PIBIC AF - IFBA FAPESB CNPq – 2020/2021 do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas. Sua finalidade principal é construir um mapeamento inteligente das práticas culturais do entorno do IFBA - Campus de Salvador, principalmente no perímetro Barbalho – Lapinha – Santo Antônio. Nesse intento, o projeto propõe pesquisa interdisciplinar, identificando lugares, sujeitos, histórias e memórias. No recorte aqui apresentado, demonstramos alguns elementos do bairro Lapinha, destacando aspectos culturais e, sobretudo políticos, observados na localidade, em destaque, a partir da Festa de Reis.

Palavras-chave: cultura, mapeamento, Lapinha, Festa de Reis.

1. Cidades sustentáveis e inteligentes

O projeto “Mapeamento inteligente das atividades culturais do entorno do IFBA - Campus de Salvador” objetiva a construção de um mapeamento inteligente das práticas culturais do entorno do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Campus de Salvador, localizado no Bairro Barbalho. Nesse intento, inicialmente, contemplamos a observação do bairro Lapinha, adjacente ao Barbalho, com os propósitos de identificar, reconhecer e valorizar as atividades culturais, a partir dos sujeitos que integram seus espaços, seus registros e suas memórias.

O projeto é contemplado na Área de Tecnologias para o Desenvolvimento Sustentável, uma área prioritária do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e

¹ Discente em Licenciatura em Geografia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA Campus Salvador. mirellarodrigues11@hotmail.com

² Doutora pelo Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. Pesquisadora do Grupo de pesquisa GPEC / Campus Salvador. E-mail: catirochapassos@gmail.com

³ Discente de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (UFBA). pablorick07@hotmail.com

Comunicações, no Setor I - Cidades Inteligentes e Sustentáveis. O tema Cidades Inteligentes e Sustentáveis envolve, sobretudo, as questões relacionadas ao crescimento populacional que geram grandes transformações nos centros urbanos. Contudo, a vida nos centros urbanos não se limita ao crescimento da população, não se resume à intensificação do consumo de energia, à reorganização dos sistemas de transportes, nem à necessidade de moradia, mas envolve as diversas atividades culturais, recreativas, sociais e econômicas que se constituem nesses espaços (FERREIRA et al, 2015, p.106).

Ao discutir o tema sociedades inteligentes (*smart societies*) volta-se a produção de soluções que envolvem cidadania, sustentabilidade, integração social, inclusão e participação, através do uso de tecnologias inovadoras (KAMIENSKI et al, 2016). Essas tecnologias são mecanismos que orientam decisões de empresas, governos e cidadãos com o intuito de tornar as atividades urbanas mais eficientes e sustentáveis nas esferas econômica, social, ecológica e política. A Academia Brasileira de Ciências (ABC) aponta, em seu site, a seguinte definição de Cidade Inteligente: “Uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) para prover uma melhoria da qualidade de vida dos seus cidadãos, a um custo acessível e otimizando o uso dos recursos do nosso planeta”. Desse modo, a produção de tecnologias com foco em comunidades inteligentes/sustentáveis faz-se essencial para a melhoria da qualidade de vida nos centros urbanos.

Podemos definir que uma cidade inteligente humana é participativa, pois discute e propõe alternativas diante dos dilemas enfrentados nos centros urbanos, visando soluções desde eficiência energética, mobilidade urbana, construções sustentáveis, a mapeamentos inteligentes que publicizam e valorizam práticas socioculturais. Em Salvador, principalmente nos bairros adjacentes ao centro histórico, as atividades socioculturais também são as principais atividades econômicas, responsáveis por parte significativa da produção da renda da população dessas regiões. Nesse contexto, o bairro Lapinha é compreendido com um espaço de grande importância, considerando os objetivos do projeto e sua temática.

2. Lapinha: território cultural e político

A Lapinha, localizada entre os bairros da Liberdade e Soledade, exibe uma imensidão cultural e histórica enquanto espaço e território, se destacando, também, pela

presença de grandes casarões antigos. Seu marco histórico enquanto território integrado à cidade demarca-se com a criação da Capela da Lapinha em 1771. Em 1913, o Arcebispo da Bahia concedeu a sua administração a padres agostinianos recoletos que instituíram nela o culto à Nossa Senhora da Conceição da Lapinha, alterando a nomenclatura da igreja e a sua dimensão. No ano de 1925, ocorreu a sua primeira reforma, realizada pelo Frei Leão Uchoa que também era arquiteto e optou por construí-la em estilo mourisco⁴, sendo esta única nessas condições em todo o Brasil, com isso, foram incorporados mosaicos vindos de Granada na Espanha, além de desenhos mouros e altos-relevos em gesso, sendo reinaugurada cinco anos depois, em 1930.

Imagem 01: Faixada da Igreja Nossa Senhora da Conceição da Lapinha



Fonte: Arquivo do Projeto

O bairro Lapinha é um lugar de tradição por incorporar diversas atividades culturais e religiosas realizadas ao longo dos séculos. Além disso, é um território estratégico no acesso ao centro da cidade, já que possui um eixo de ligação entre os

⁴ Elementos característicos da arquitetura mourisca incluem muqarnas - uma forma de abóbada ornamentada com subdivisão geométrica em um grande número de pequenos pontos, produzindo uma espécie de estrutura celular, às vezes também chamada de “favo de mel”, incluem também arcos de ferradura, aduelas, cúpulas, arcos com ameias, arcos de lanceta, arcos de ogee (uma curva, geralmente usada na moldagem, com a forma de um S, consistindo de dois arcos que se curvam em sentidos opostos, de modo que as extremidades são paralelas), além de. pátios e azulejos decorativos.

bairros. A via a partir do Barbalho, seguindo pela Soledade, Lapinha e Liberdade integrava a antiga Estrada das Boiadas. A cidade de Salvador, até século XIX, possuía três estradas de acesso: a estrada do Rio Vermelho, a estrada das Brotas e a estrada das Boiadas, esta última a única que ligava a cidade ao resto das províncias. Era uma trilha de terra que servia de percurso para as inúmeras boiadas e mercadorias no trânsito entre capital e interior do Estado.

Por ocasião das lutas pela independência da Bahia, em 1823, a Estrada das boiadas foi o caminho percorrido pelo comando libertador. Os brasileiros, vencendo a guerra de Independência da Bahia, ali marcharam vitoriosos. Assim, a velha estrada ganhou o novo nome de Estrada da Liberdade, que designou bairro com nome análogo. O povoamento da região da Liberdade se intensificou depois da abolição da escravatura, com a permanência de negros libertos e ex-escravos na região.

Imagem 02: Pavilhão do Dois de julho – Largo da Lapinha



Fonte: Arquivo do Projeto

Conseqüentemente, a região, incluindo o bairro da Lapinha possui monumentos que simbolizam esses episódios que marcaram a história baiana. No ano de 1823, no 2 de julho, o Exército Brasileiro perpassou as ruas da Lapinha, durante a conquista de Salvador. Portanto, destaca-se no Bairro o Pavilhão do Dois de julho, de onde começam as comemorações do Dois de julho, festa da Independência da Bahia. O Pavilhão é um

marco territorial e histórico, nele estão guardados os carros do Caboclo e da Cabocla que simbolizam a participação popular na luta pela independência da Bahia.

Imagem 03: Monumento a Maria Quitéria – Largo da Soledade



Fonte: Arquivo do Projeto

A participação militar neste movimento está representada no busto que homenageia o General Labatut, francês que lutou ao lado dos brasileiros. O bairro da Soledade, pela proximidade com a Lapinha, tem também em sua história os mesmos méritos no que diz respeito a sua participação no Dois de julho. No Largo da Soledade encontramos a estátua da maior heroína deste movimento, Maria Quitéria⁵.

Outro elemento importantíssimo da região é o conjunto de arquitetura que reúne casarões centenários, além de igrejas e conventos. Há entre o Barbalho, passando da Soledade à Lapinha, várias construções, na época com terrenos para jardins e quintais, de

⁵ Maria Quitéria de Jesus (27 de julho de 1792 – 21 de agosto de 1853) foi a primeira mulher a entrar no Exército Brasileiro, fingindo ser homem, adotou nome e uniforme de seu cunhado, ficando conhecida como soldado Medeiros. Semanas depois de entrar para o Exército, Maria Quitéria teve sua identidade revelada. No entanto, o major Silva e Castro não permitiu que ela saísse das tropas, já que era importante para a luta contra os portugueses por sua facilidade com o manejo de armas e sua disciplina em batalha. Com a derrota das tropas portuguesas, em julho de 1823, Maria Quitéria foi promovida a cadete e reconhecida como heroína da Independência. Dom Pedro I deu a ela o título de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro”

influência portuguesa, edificadas desde o início do ciclo do ouro, casarões, comumente de dois andares, chamados de solar, feitos na sua maioria com tijolo massapé de cor alaranjada. São de um período bem posterior ao do Brasil Colônia, mas preservam a antiga influência portuguesa, como o solar que abriga a Funerária Cristo Rei, em frente ao Largo da Soledade, uma construção de 1923. Outro casarão histórico é o da escola Vila Vicentino, de 1920. Uma das maiores edificações do local abrigava, há mais de 30 anos, uma padaria. O prédio, denominado Armazém Transwall, era local de estoque de produtos alimentícios, comercializados na parte frontal.

Imagem 04: Prédio do antigo Armazém Transwall - Rua principal entre Lapinha e Soledade



Fonte: Arquivo do Projeto

Em fevereiro de 2021, numa das ações da pesquisa, realizamos uma visita presencial ao Bairro da Lapinha, perfazendo o percurso Lapinha-Barbalho que engloba o Largo da Soledade. Nessa visita, fizemos um banco de imagens e anotações diversas. Um dos aspectos que destacamos nessa visita foi a menção de algumas pessoas presentes no largo da Lapinha à tristeza pela não realização dos festejos da Festa de Reis, realizada anualmente na primeira semana de janeiro. A comemoração religiosa aconteceu com restrições, dentro da igreja, sem o envolvimento da comunidade como acontece

tipicamente⁶. Essas restrições devem-se à pandemia da Covid-19 que, desde março de 2020, gerou diversas medidas e protocolos de segurança sanitária na Capital baiana.

A celebração católica da Festa de Reis está associada à tradição natalícia, que diz que três reis magos do oriente visitaram o menino Jesus na noite de 5 para 6 de janeiro, depois de serem guiados por uma estrela. Os três reis magos chamavam-se Belchior, Baltazar e Gaspar e levaram de presente ao menino Jesus, ouro, incenso e mirra. Em diversas regiões do Brasil, essa tradição é comemorada desde o início da colonização portuguesa:

Os Reis Magos fazem-se presentes no Brasil desde o início de sua colonização. Uma prova desta presença é o fato de que o Forte dos Reis Magos, em Natal (RN), ter sido fundado em 06 de janeiro de 1598, marcando a introdução do culto aos Santos Reis ainda no século XVI. (GONÇALVES, 2008, p.06)

No bairro da Lapinha, acontecem eventos que marcam o início do ano com missas, apresentações na igreja e no Largo como Samba de roda, Ternos, Bandinhas etc. O Dia dos Reis anuncia o nascimento de Cristo passando de casa em casa, conservando o caráter deambulatório que desde sua origem se vincula aos ciganos, apontados como possíveis raízes dessa prática cultural, não só pelo seu nomadismo, mas também pelos instrumentos, estandartes, fitas e flores coloridas que os caracterizam. Além dos portugueses, o Dia de Reis é festejado por outros povos europeus. No Brasil, a comemoração foi ressignificada ao longo dos séculos, ganhou elementos distintos em cada localidade onde ocorre e, sobretudo, ganhou o caráter de Folias de Reis (GONÇALVES, 2008, p.06)

3. A Festa de Reis da Lapinha: memórias e resistências

As festas, como a elaboração da identidade sociocultural dos grupos populares que as produzem, historicamente constituídas e reproduzidas nos contextos das sociabilidades rurais, passaram e continuam passando por transformações e acréscimos de novos significados, na medida em que foram incorporadas ao processo de urbanização. (GONÇALVES, 2008, p.08)

⁶ SEM O TRADICIONAL DESFILE, CELEBRAÇÕES DA FESTA DE REIS SÃO REALIZADAS NA IGREJA DA LAPINHA. Matéria do Portal G1, disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/04/sem-o-tradicional-desfile-celebracoes-da-festa-de-reis-sao-realizadas-na-igreja-da-lapinha.ghtml>. Acesso em 15 março 2021.

Anualmente, no dia 05 de dezembro, quase sempre às 18h, acontece a missa na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Lapinha. Em seguida, sai o primeiro cortejo do Terno Anunciação, que começa no Largo da Lapinha, em frente à Igreja, vai em direção à Praça da Soledade, volta, passa em frente à praça novamente e segue em direção à Escola Municipal Pirajá da Silva de onde retorna ao Largo da Lapinha. No palanque, instalado no Largo, se apresentam após o Terno Anunciação outros Ternos de Reis⁷ com muita música, desde marchinhas de carnaval, samba, e músicas de autoria de cada terno. Um dos ternos mais tradicionais é o Rosa Menina, que vem do bairro de Pernambués. Fundado em 1945, o terno Rosa Menina é, hoje, o mais antigo da cidade⁸. Enquanto um se apresenta, outro sai para o cortejo no mesmo trajeto. No dia seguinte, 06 de janeiro, acontece a missa e o cortejo em seguida encabeçado pelo Terno da Anunciação.

Cada terno possui seu estandarte, bandeira de frente que representa algo sagrado, que emite o espírito do terno, a sua proposta e a sua mística. Além da beleza, expressam manifestações de pensamento, sentimento e crença do povo. O estandarte do Terno da Anunciação, criado pelo Padre Pinto - ex pároco da Lapinha, em veludo-veludo, com detalhes em dourado, inclusive o nome do bairro, reforça a nobreza da mensagem, tendo como base o sangue como sinal de compromisso dos mártires, além das demais simbologias presentes.

A importância do estandarte dos ternos inspirou a criação de um monumento instalado no Largo da Lapinha. O monumento está localizado no largo, foi concebido pelo Padre Pinto, assim como o estandarte do Terno da Anunciação, e outras expressões artísticas presentes na paróquia como um enorme Cristo negro, índio e branco, nos fundos do espaço comunitário, representando a diversidade étnica na imagem de um Cristo à brasileira. O Padre Pinto agregou, aos festejos da paróquia, os desfiles dos Ternos de Reis que já ocorriam no Largo, mas dissociados da programação religiosa, integrando os

⁷ Terno de Reis é como são chamadas as canções, ou os pequenos grupos de músicos que as realizam, que têm como referência a história bíblica dos Três Reis Magos e sua chegada ao lugar onde se encontrava o menino Jesus. Elas mantêm uma tradição de origem portuguesa relacionada a essa história bíblica. Contam com estandartes, lanternários, materiais diversos, pandeiros, dando ênfase às expressões folclóricas e culturais do nosso povo.

⁸ VELOSO, Rafael. **Igreja da Lapinha inicia preparativos para a Festa de Reis.** <http://www.rafaelveloso.com.br/2018/01/02/igreja-da-lapinha-inicia-preparativos-para-a-festa-de-reis/> Acesso em 15 mar 2021.

festejos das ruas à programação religiosa. Nesse intento, o Padre Pinto fomentou a criação do Terno Anunciação, organizado pela própria Paróquia.

Imagem 05: Monumento estandarte - Largo da Lapinha



Fonte: Arquivo do Projeto

Padre José de Souza Pinto (1947-2019) foi um dos grandes incentivadores e responsáveis pela manutenção da Festa de Reis da Lapinha desde os anos 70. Assumiu a liderança da Paróquia em 1973, onde permaneceu até 2006 após polêmicas em torno das manifestações na Festa de Reis daquele ano. Uma matéria da Rede Globo, em janeiro de 2006, tornou o Padre Pinto nacionalmente conhecido, sobretudo, pela performance nas missas. A polêmica se estabeleceu devido ao fato de o Padre realizar celebrações vestido com trajes de índio guerreiro e de Oxum, orixá das águas doces. Naquele ano, os três povos da formação geral brasileira foram celebrados na representação dos Reis: o europeu, o indígena e o africano. Entretanto, as representações dos povos indígenas e, sobretudo, dos africanos não foram aceitas pelos fiéis mais conservadores. O que ocasionou no afastamento do Padre da paróquia da Lapinha

O Padre Pinto revitalizou a Festa de Reis na Lapinha. Não apenas por sua liderança artística, fruto de sua formação enquanto bailarino e artista plástico, mas, sobretudo, pela

inserção do debate político na representação da diversidade constituinte das populações atendidas pela paróquia, bem como apresentando na Festa religiosa aspectos sociais a serem discutidos pela sociedade em geral. Conforme podemos identificar na matéria do Jornal A Tarde de dezembro de 2004, as questões sociais aparecem na inserção de novos elementos aos presépios fazendo referências às desigualdades sociais e às violências, trazendo reflexões sobre as tecnologias e sobre a globalização.

Imagem 06: Matéria Jornal A tarde 16/12/2004



Fonte: <http://www.culturadodia.salvador.ba.gov.br/doc-polo/A%20Tarde,%2016.12.2004.pdf>, acesso em 15 março 2021

Uma matéria do Jornal Correio da Bahia⁹, publicada em janeiro de 2019, três meses antes da morte do Padre Pinto apontava a falta e o legado do Padre Pinto para a comunidade da Lapinha. Em 2012, o Padre Pinto se reconciliou com o clero baiano, voltando a atuar como padre na Igreja no Bairro de São Caetano até o seu falecimento em abril de 2019. O legado, principalmente reconhecido nas falas de fiéis participantes da Paróquia da Lapinha, volta-se ao reconhecimento da necessidade de representação da diversidade étnica como elemento constituinte da Festa de Reis da Lapinha. Nesse sentido, outros elementos da cultura baiana começaram a ser agregados à festa religiosa da Lapinha, além da presença de personagens afrodescendentes nos presépios e nos ternos, por exemplo, uma lavagem, com a presença de baianas e personagens da cultura

⁹ LYRIO, Alexandre. **Inspirada por legado do Padre Pinto, festa de Reis resiste ao esvaziamento.** <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/inspirada-por-legado-do-padre-pinto-festa-de-reis-resiste-ao-esvaziamento/>. Acesso em 15 mar 2021.

popular misturados à sagrada família (menino Jesus, Maria e José) passou a ser realizada antes do desfile oficial desde 2018.

4. Algumas considerações não finais

Apesar da pesquisa está em fase inicial de coleta e observações, ações, sobretudo, comprometidas pelas medidas de restrições dos últimos meses e pelos protocolos de segurança sanitária que requerem distanciamento social, podemos destacar, nesses primeiros contatos com a comunidade da Lapinha, um sentimento de envolvimento muito grande com a realização da Festa de Reis. Essa comemoração ultrapassou os muros da igreja e ganhou não apenas características profanas comuns às festas de largo. Além do senso enorme de comunidade e de pertencimento comunitário na constituição dos ornamentos, dos rituais e de outros elementos preparativos da festa, é relevante o caráter político que a festa foi adquirindo a partir dos anos 70, sobretudo, com a liderança do Padre Pinto.

A Festa de Reis do Bairro da Lapinha assumiu um senso de resistência e luta, próprio das populações que residem nos territórios que pertencem às regiões da Liberdade e do centro histórico. Especificamente, a Festa de Reis da Lapinha apresenta forte tendência à comemoração da diversidade étnica-racial dessas populações. Nesse sentido, elementos das culturas afro-brasileira, africana, indígenas, europeias e brasileiras constituem os símbolos que antes reproduziam apenas a interpretação católica de fundamentação europeia, principalmente romana. Um exemplo disso, é que os ternos que desfilam na Festa de Reis da Lapinha trazem, dentre outros elementos, a ala das baianas como modo de inserir na cena do presépio uma representação local muito simbólica.

Essa tendência de representação e valorização da diversidade étnico-racial na Festa de Reis enfrentou desde a expulsão do Padre Pinto fortes repressões do clero e de fiéis conservadores. Essas repressões, de algum modo, provocou um esvaziamento na paróquia, que tem buscado alternativas de atrair seu público a partir de 2018. Nesses processos de resistências, o clero vem demonstrando que, caso o culto à diversidade não seja realizado, haverá dificuldades de manutenção da paróquia, inclusive da Festa de Reis.

Vale destacar que a festa, para além da paróquia, traz diversas manifestações da nossa cultura, como os Ternos de Reis. Nesse sentido, a manutenção da Festa de Reis da Lapinha atribui sentido à existência de outras manifestações culturais que constituem

processos de identificação às populações dessa região e de outras que participam da Festa. Essas manifestações para as comunidades da Lapinha e de seu entorno materializam suas memórias, suas histórias, seus sentimentos e as batalhas enfrentadas ao longo da formação de seu território e de seu povo.

Referências bibliográficas

CIDADES SUSTENTÁVEIS E INTELIGENTES. Academia Brasileira de Ciências. Disponível em <http://www.abc.org.br/atuacao/nacional/projeto-de-ciencia-para-o-brasil/cidades-sustentaveis-e-inteligentes/>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

FERREIRA, Maurício Lamano et al. Cidades inteligentes e sustentáveis: problemas e desafios. In: BENINI, Sandra Medina e ROSIN, Jeane Aparecida Rombi de Godoy. **Estudos Urbanos: uma abordagem interdisciplinar da cidade contemporânea**. Tupã/SP: Anap. 2015, pp.81-111.

GONÇALVES, Maria Célia da Silva. **Folias de reis: o eco da memória na (re)construção da performance e identidade dos foliões em João Pinheiro, Estado de Minas Gerais**. Anais do IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

KAMIENSKI, C.; BIONDI, G.; BORELLI, F.; HEIDEKER, A.; RATUSZNEI, J.; KLEINSCHMIDT, J., Computação Urbana: Tecnologias e Aplicações para Cidades Inteligentes. Minicursos SBRC 2016, maio de 2016.

LYRIO, Alexandre. **Inspirada por legado do Padre Pinto, festa de Reis resiste ao esvaziamento**. <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/inspirada-por-legado-do-padre-pinto-festa-de-reis-resiste-ao-esvaziamento/> Acesso em 15 mar 2021.

SEM O TRADICIONAL DESFILE, CELEBRAÇÕES DA FESTA DE REIS SÃO REALIZADAS NA IGREJA DA LAPINHA. Matéria do Portal G1, disponível em <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/01/04/sem-o-tradicional-desfile-celebracoes-da-festa-de-reis-sao-realizadas-na-igreja-da-lapinha.ghtml>. Acesso em 15 março 2021.

VELOSO, Rafael. **Igreja da Lapinha inicia preparativos para a Festa de Reis**. <http://www.rafaelveloso.com.br/2018/01/02/igreja-da-lapinha-inicia-preparativos-para-a-festa-de-reis/> Acesso em 15 mar 2021.